

# a casa da floresta

marion zimmer bradley

Tradução de Fernanda Semedo



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para a minha mãe, Evelyn Conklin Zimmer,  
que me aturou a trabalhar neste livro durante  
a maior parte da minha vida adulta.



Para Diana Paxton, minha irmã e amiga,  
que ancorou este livro firmemente no tempo e no espaço,  
e adicionou Tácito ao elenco de personagens.



# NOTA DA AUTORA



Aqueles que conhecem a ópera *Norma* de Bellini reconhecerão as origens desta história. Em homenagem a Bellini, os hinos nos Capítulos 5 e 22 são adaptados do libreto do Ato I, Cena i, e os do Capítulo 30, do Ato II, Cena ii. Os hinos à Lua nos Capítulos 17 e 24 são retirados de *Carmina Gadelica*, uma antologia de preces tradicionais das Terras Altas coligida em finais do século XIX pelo Reverendo Alexander Carmichael.



# PESSOAS NA HISTÓRIA



\* — figura histórica

() — morto antes de a história começar

## ROMANOS

Gaius Macellius Severus Siluricus (chamado Gaius, nome nativo Gawen), um jovem oficial nascido de mãe bretã

Gaius Macellius Severus, sénior (chamado Macellius), pai de Gaius, Prefectus Castrorum da II Legião Adiutrix em Deva, de categoria equestre

(Moruadh, Mulher Real dos Silures, mãe de Gaius)

Manlius, médico em Deva

Capellus, ordenança de Macellius

Philo, escravo grego de Gaius

Valerius, secretário de Macellius

Valeria (mais tarde chamada Senara), meia-bretã sobrinha de Valerius

Martius Julius Licinius, procurador (oficial das Finanças) da Bretanha

Julia Licinia, sua filha

Charis, a sua criada grega

Lydia, ama dos seus filhos

Licinius Corax, primo do procurador em Roma

Marcellus Clodius Malleus, senador, patrono de Gaius

Lucius Domitius Brutus, Comandante da XX Legião Valeria Victrix após a sua mudança para Deva

Padre Petros, um eremita cristão

Flavius Macro

Longus

} Dois legionários que tentaram atacar a Casa da Floresta

\* (Caio Júlio César, «o deificado» Julio que iniciou a conquista da Bretanha)

- \* (Suetónio Paulino, governador da Bretanha durante a rebelião de Boudica)
- \* (Vespasiano, imperador 69-79 AD)
- \* (Quinto Petílio Cerial, governador da Bretanha, 71-4 AD)
- \* (Sexto Júlio Frontino, governador da Bretanha, 74-7 AD)
- \* Cneu Júlio Agrícola, governador da Bretanha, 78-84 AD
- \* Caio Cornélio Tácito, seu genro e ajudante de campo, historiador
- \* Salústio Lúculo, governador da Bretanha depois de Agrícola
- \* Tito Flávio Vespasiano, imperador Tito, 79-81 AD
- \* Tito Flávio Domiciano, imperador Domiciano, 81-96 AD
- \* Herénio Senécio, um senador
- \* Flávio Clemente, primo de Domiciano

## BRETÕES

Bendeigid, um druida vivendo perto de Vernemeton

Rheis, filha de Ardanos e mulher de Bendeigid

Mairi, a filha mais velha, mulher de Rhodri

Vran, o seu filho pequeno

Eilan, a filha do meio

Senara, a filha mais nova

Gawen, filho de Eilan com Gaius

Cynric, filho adotivo de Bendeigid

Ardanos, Arquidruida da Bretanha

Dieda, a sua filha mais nova

Clotinus Albus (Caradac), um bretão romanizado

Gwenna, a sua filha

Red Rian, um salteador irlandês

Hadron, um dos Corvos, pai de Valeria (mais tarde chamada Senara)

\* (Boudica, «A Rainha Assassina», rainha dos Icenos, líder da revolta em 61 AD)

\* (Carataco, um líder da rebelião)

\* Cartimandua, rainha dos Brigantes que traiu Carataco com Roma)

\* Cálgaco, chefe caledónio que conduziu as tribos em Mons Graupius

## PESSOAS NA CASA DA FLORESTA

Lhiannon, Sacerdotisa do Oráculo, Grã-Sacerdotisa de Vernemeton (a Casa da Floresta)

Huw, o seu guarda-costas

(Helve, Grã-Sacerdotisa antes de Lhiannon)

Caillean, sacerdotisa sénior, assistente de Lhiannon

Latis, a perita em ervas

Celimon, instrutora do ritual

Eilidh }  
Miellyn } Amigas de Eilan

Tanais }  
Rhian } Entraram em Vernemeton depois de Eilan ser Grã-Sacerdotisa

Annis, uma velha mulher surda que serve Eilan durante a sua gravidez

Lia, ama do filho de Eilan, Gawen

## DIVINDADES

Tanarus, deus bretão, equiparado a Júpiter

O-dos-Chifres, deus arquetípico dos animais e dos bosques com muitas variações locais

Don, mãe mítica dos deuses e, por extensão, do povo bretão

Cathubodva, Senhora dos Corvos, uma deusa de guerra similar a Morrigan

Arianhrod, Senhora da Roda de Prata, deusa donzela associada à magia, ao mar e à lua

Ceres, deusa romana dos Cereais e da Agricultura

Vénus, deusa romana do Amor

Marte, deus romano da Guerra

Bona Dea, a Boa Deusa

Vesta, deusa do fogo sagrado de Roma, servida por virgens

Mitra, um deus herói persa adorado pelos soldados

Júpiter, rei dos deuses

Juno, rainha dos deuses, sua mulher, patrona do casamento

Ísis, deusa egípcia adorada em Roma como protetora do comércio marítimo

## LUGARES

*Bretanha Superior – Sul da Inglaterra*

Mona – a ilha de Anglesey

Segontium, um forte perto de Caernarvon

Vernemeton (o mui sagrado bosque) – a Casa da Floresta

Colina das Donzelas – Maiden Castle, Bickerton

Deva – Chester

Glevum – Gloucester

Viroconium Cornoviarum – Worcester

Venta Silurum – Caerwent

Isca Silurum – Caerleon

Aquae Sulis – Bath

O Tor – Glastonbury

O País do Verão – Somerset

Isca Dumnoniorum – Exeter

Lindum – Lincoln

Londinium – Londres

*Bretanha Inferior – Norte da Inglaterra*

Eburacum – York

Luguvalium – Carlisle

*Caledónia – Escócia*

Estuário do Bodotria – estuário do rio Forth

Estuário do Tava – Rio Tay

Estuário do Sabrina – Solway

Trimontium – Newstead

Pinnata Castra – Inchtuthil

Mons Graupius – localização incerta, talvez perto de Inverness

*Hibérnia – Irlanda*

Temair – Tara

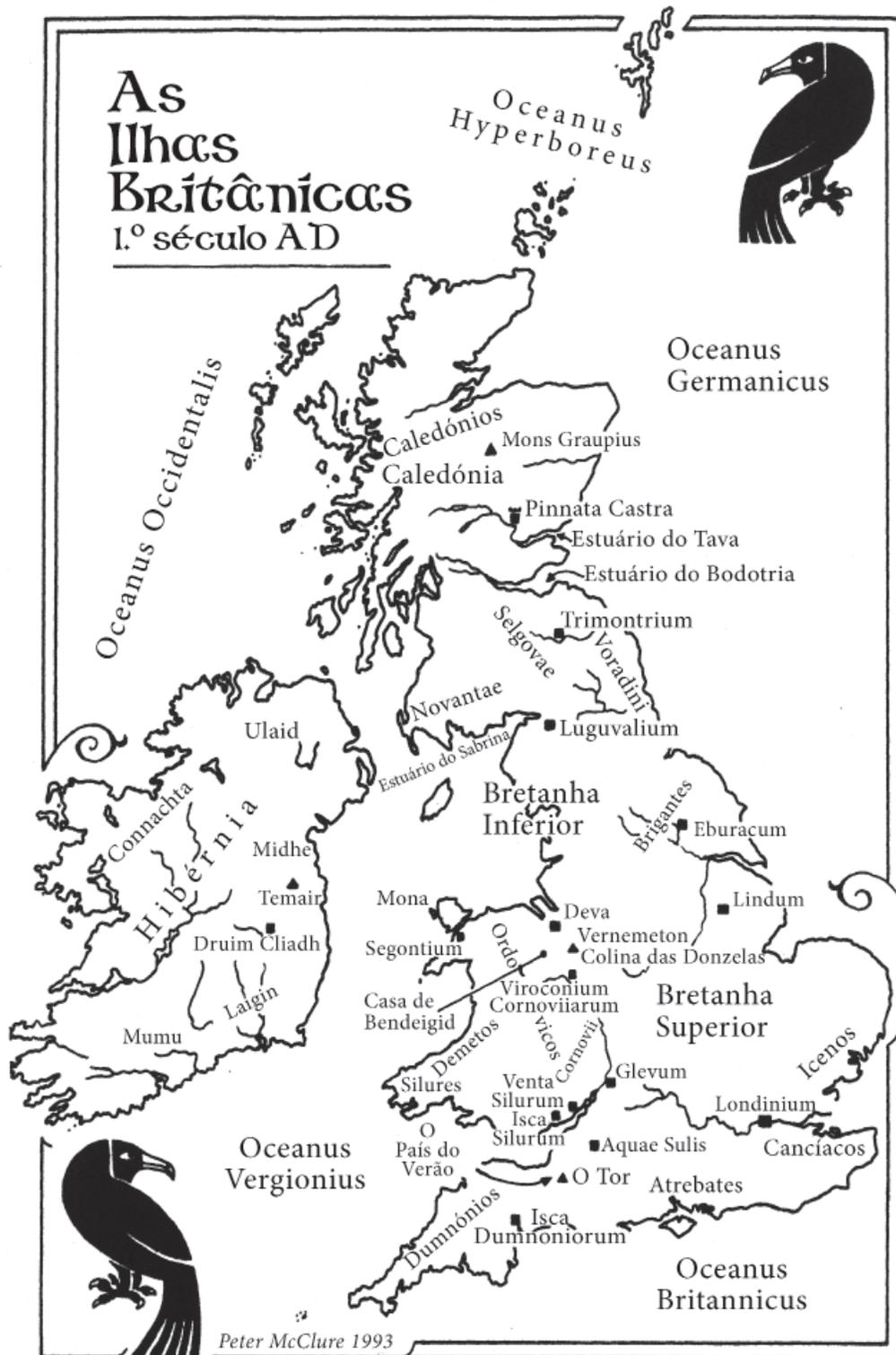
Druim Cliadh – Kildare

*Germânia Inferior – Alemanha Ocidental Superior*

Colonia Agrippensis – Colónia

# As Ilhas Britânicas

1.º século AD





# PRÓLOGO



*Um vento frio chicoteava as tochas, transformando-as em caudas ferozes. Uma luz ameaçadora brilhava sobre as águas escuras do estreito e os escudos dos legionários que aguardavam do outro lado. A sacerdotisa tossiu com o cheiro do fumo e do nevoeiro marítimo e escutou o clangor do campo romano ecoando através das águas enquanto o comandante romano discursava aos seus homens. Os druidas cantaram em resposta, convocando a raiva dos céus, e um trovão abalou o ar.*

*Vozes de mulheres ergueram-se numa lamentação estridente, que fez um arrepio percorrer-lhe o corpo. Ou talvez fosse medo. Meneou-se com as outras sacerdotisas, os braços levantados numa imprecisão, as capas negras enfundando como asas de corvos.*

*Mas os Romanos também ululavam, e agora a primeira fileira entrava na água. A harpa de guerra druida vibrou com uma música horrenda e a garganta dela estava em carne viva de tanto gritar, mas o inimigo continuou a avançar.*

*O primeiro soldado de capa vermelha pisou a margem da Ilha Sagrada e os deuses não o fulminaram. Agora, os cânticos vacilavam. Um padre empurrou a sacerdotisa para trás de si quando aço romano brilhou à luz da tocha. A espada caiu e o sangue espalhou-se na sua capa negra.*

*O ritmo do cântico perdera-se. Agora havia apenas gritos e ela correu para as árvores. Atrás dela, os Romanos decepavam os druidas como se fossem cereais. Demasiado depressa terminaram, e a maré vermelha varreu o interior.*

*A sacerdotisa tropeçou no meio das árvores, procurando os círculos sagrados. Um brilho cor de laranja encheu o céu por cima da Casa das Mulheres.*

*Avistou as pedras à sua frente, mas de trás de si vieram gritos. Ela virou-se, encurralada, agarrando-se à pedra do altar central. Agora, decerto que a iam matar... Invocou a Deusa e endireitou-se, esperando o golpe.*

*Mas não eram armas de fogo que eles tencionavam usar contra ela.*

*Debateu-se quando mãos duras lhe seguraram o corpo, arrancando-lhe as roupas. Forçaram-na a baixar-se sobre a pedra, e o primeiro homem investiu contra o seu corpo. Não havia fuga possível; restava-lhe usar as disciplinas sagradas para afastar a mente do corpo até eles terminarem. Mas quando a consciência se desvanecia, ela gritou: Senhora dos Corvos, vingame. Vingança!*

— Vingança... — Foi o meu próprio grito que me acordou, e sentei-me, olhando em frente. Como sempre, demorei alguns momentos a perceber que tinha sido só um sonho, e nem sequer o meu próprio sonho, pois era ainda uma criança no ano em que as Legiões assassinaram os padres e violaram as mulheres da Ilha Sagrada; uma filha-menina não desejada chamada Caillean, segura em Hibernia, do outro lado do mar. Mas, desde a primeira vez que ouvira a história, pouco depois de a Sacerdotisa do Oráculo me trazer para esta terra, que os espíritos daquelas mulheres me atormentavam.

A cortina da minha porta esvoaçou e uma das donzelas que me servia espreitou para dentro.

— Minha senhora, encontra-se bem? Posso ajudá-la a vestir-se? Está quase na hora de saudar a madrugada.

Anuí com a cabeça, sentindo o suor frio secar-me na testa, e permiti que me ajudasse a envergar um vestido lavado e a ajeitar os ornamentos de Grã-Sacerdotisa no peito e na testa. Depois segui-a para fora até ao cume de uma outra ilha, um Tor verde que se erguia da mistura de pântanos e prados a que os homens chamavam Mar do Verão. Lá de baixo vinham os cânticos das donzelas que vigiavam o Poço Sagrado e, do vale para além deste, o sino que chama os eremitas à oração na pequena igreja em forma de colmeia, ao lado do espinheiro-branco.

Não foram os primeiros a procurar refúgio nesta ilha no fim do mundo, para lá dos mares estreitos, nem suponho que sejam os últimos. Tantos anos passaram desde a morte da Ilha Sagrada, e embora nos meus sonhos vozes antigas ainda gritem por vingança, uma sabedoria duramente conquistada diz-me que a mistura de sangue fortalece uma raça, desde que o conhecimento antigo não se perca.

Mas até ao dia de hoje não encontrei nada de bom nos Romanos ou nas suas formas de viver. É por isso que nem por Eilan, que me era mais querida

do que uma filha, eu podia confiar num romano, nem mesmo em Gaius, que ela amava.

Mas nenhum passo de sandálias cardadas dos legionários nas estradas empedradas nos perturba aqui, pois lancei um véu de bruma e mistério para manter de fora o mundo rígido dos Romanos.

Hoje, talvez conte às donzelas a história de como chegámos aqui, pois entre a destruição da Casa das Mulheres na Ilha de Mona e o regresso das sacerdotisas à Ilha das Maças, as mulheres dos druidas residiram em Vernemeton, a Casa da Floresta, e essa história não deve ser esquecida.

Foi lá que aprendi os Mistérios da Deusa e os ensinei depois a Eilan, filha de Rheis, que se tornou a maior das Grã-Sacerdotisas e, dizem alguns, a maior traidora de sempre do seu povo. Mas, através de Eilan, o sangue do Dragão e da Águia misturou-se com o sangue dos Sábios, e na hora de maior necessidade essa linhagem virá sempre em auxílio da Bretanha.

No mercado, os homens dizem que Eilan foi vítima dos Romanos, mas eu sei a verdade. No seu tempo, a Casa da Floresta preservava os Mistérios, e os deuses não exigem que sejamos todos conquistadores, ou mesmo que sejamos todos sábios, mas apenas que sirvamos a verdade que nos é dada até a podermos transmitir.

As minhas sacerdotisas estão a reunir-se em torno de mim, cantando. Ergo as mãos e, enquanto o Sol penetra a neblina, abençoo a terra.



# 1



Feixes de luz dourada brilham através das árvores enquanto o Sol poente cai abaixo das nuvens, perfilando de ouro cada folha recém-lavada. O cabelo das duas raparigas que atravessavam o caminho da floresta brilhava no mesmo tom de fogo pálido. Tinha chovido nesse dia. A floresta densa e por desbravar que ainda cobria a maior parte do Sul da Bretanha estava húmida e silenciosa, e alguns galhos baixos, ao sacudir-se, ainda faziam tombar gotas dispersas, como uma bênção sobre o caminho.

Eilan respirou profundamente o ar húmido, pesado com todos os cheiros vivos dos bosques e doce como incenso depois da atmosfera enfumurada do salão do seu pai. Na Casa da Floresta, tinham-lhe dito, usavam ervas sagradas para purificar o ar. Endireitou-se instintivamente, tentando caminhar como uma das sacerdotisas que ali vivia, erguendo o cesto de oferendas na sua melhor imitação do seu equilíbrio gracioso. Por um momento, então, o seu corpo moveu-se com um ritmo ao mesmo tempo desconhecido e completamente natural, como se tivesse sido treinada para fazer aquilo nalgum passado antigo.

Só desde que o seu sangue lunar tinha começado é que tivera permissão para levar as oferendas à nascente. Tal como o seu ciclo mensal a tornava uma mulher, dissera a mãe, também as águas da nascente sagrada eram a fertilidade da terra. Mas os rituais da Casa da Floresta serviam o seu espírito, fazendo a própria Deusa descer na lua cheia. A Lua estivera cheia na noite anterior e antes de a mãe a chamar para dentro, Eilan ficara muito tempo a fitá-la, cheia de uma expectativa que não conseguia definir.

*Talvez a Sacerdotisa do Oráculo me reclame para a Deusa no festival de Beltane.* Fechando os olhos, Eilan tentou imaginar as vestes azuis da sacerdotisa arrastando atrás de si, e o véu ensombrando de mistério as suas feições.

— Eilan, que fazes? — A voz de Diedo arrancou-a dos sonhos, tropeçou na raiz de uma árvore e quase deixou cair o cesto. — Estás a ficar para trás como uma vaca coxa! Se não acabarmos em breve, será de noite quando voltarmos ao salão.

Recuperando, Eilan correu atrás da outra rapariga, corando furiosamente. Mas já conseguia ouvir o murmúrio gentil da nascente. Mais um momento e o caminho começou a descer, e ela seguiu Diedo para a fenda onde as águas gotejavam entre duas poças e caíam no lago. Num tempo muito antigo, homens tinham colocado pedras à sua volta; ao longo dos anos, a água gastara as suas rugas em espiral, alisando-as. Mas a avelaneira a cujos ramos o povo atava as suas fitas dos desejos era jovem, a descendente de muitas árvores que tinham crescido ali.

Instalaram-se à beira do lago e estenderam uma toalha para as oferendas; bolos primorosamente confeccionados, um frasco de hidromel e algumas moedas de prata. Era um lago pequeno, afinal, onde a deusa menor desta floresta habitava, não um dos grandes lagos sagrados onde exércitos inteiros sacrificavam os tesouros que tinham conquistado, mas durante muitos anos as mulheres da sua linhagem tinham levado ali as suas oferendas todos os meses após as suas luas, para que o seu laço com a Deusa fosse renovado.

Tremendo um pouco sob o ar frio, tiraram os vestidos e inclinaram-se sobre o lago.

— Nascente sagrada, és o útero da Deusa. Como as tuas águas embalam toda a vida, possa eu trazer nova vida ao mundo... — Eilan apanhou água na concha da mão e deixou-a escorrer sobre a barriga e entre as coxas.

— Nascente sagrada, as tuas águas são o leite da Deusa. Como tu alimentas o mundo, deixa-me nutrir aqueles que amo... — Os seus mamilos vibraram quando a água fria os tocou.

— Nascente sagrada, és o espírito da Deusa. Como as tuas águas brotam das profundezas, dá-me o poder de renovar o mundo... — tremeu quando a água lhe banhou a testa.

Eilan fitou a superfície escurecida pela sombra, vendo o brilho pálido do seu reflexo tomar forma quando as águas voltaram a aquietar. Porém, enquanto fitava a água, o rosto que lhe devolvia o olhar mudou. Viu uma mulher mais velha, com pele ainda mais pálida e caracóis escuros onde madeixas vermelhas brilhavam como labaredas, mas os olhos eram os mesmos.

— Eilan!

Quando Dieda falou, Eilan pestanejou, e o rosto que a olhava da água era mais uma vez o dela. A sua parente tremia e, de repente, Eilan também sentiu frio. Vestiram-se rapidamente. Então Dieda pegou no cesto de bolos e a sua voz elevou-se, rica e pura, na canção.

*Senhora da nascente sagrada,  
Para ti trago estas oferendas  
Por vida, sorte e amor eu rezo,  
Deusa, aceita estas ofertas.*

Na Casa da Floresta, pensou Eilan, haverá um coro de sacerdotisas para entoar a canção. A sua própria voz, fina e um pouco trémula, misturou-se com a de Dieda numa harmonia estranhamente agradável.

*Abençoa agora a floresta e o campo,  
Que eles produzam para nós os seus tesouros  
Que parentes e animais estejam sãos e salvos  
Protege o corpo e a alma!*

Eilan verteu melação do frasco para a água enquanto Dieda esmigalhava os bolos e os lançava também ao lago. A corrente levou-os, rodopiando, e por um momento Eilan teve a impressão de que o seu marulho se tornara mais sonoro. As raparigas inclinaram-se para a água, deixando cair as moedas que tinham trazido.

Quando a ondulação acalmou, Eilan viu os rostos de ambas, tão parecidos, espelhados juntos. Ficou tensa, temendo ver ali a estranha uma vez mais, mas apesar de a sua visão escurecer, desta vez havia apenas uma cara, cujos olhos brilhavam na água como estrelas no mar negro do céu.

— *Senhora, sois o espírito do lago? Que quereis de mim?* — perguntou o seu coração. E pareceu-lhe ouvir palavras em resposta:

— *A minha vida flui através de todas as águas, como flui nas tuas veias. Sou o Rio do Tempo e o Mar do Espaço. Ao longo de muitas vidas, tu foste minha. Adsartha, minha filha, quando cumprirás os votos que fizeste comigo?*

Pareceu-lhe então que dos olhos da Senhora emanava um brilho que lhe iluminou a alma, ou talvez fosse a luz do Sol, porque quando recuperou os sentidos estava a pestanejar para o fulgor que brilhava através das árvores.

— Eilan! — disse Dieda no tom de alguém que repetia um chamamento pela segunda vez. — Que se passa contigo hoje?

— Dieda! — exclamou Eilan. — Não A viste? Não viste a Senhora no lago?

Dieda abanou a cabeça.

— Pareces uma daquelas fêmeas sagradas em Vernemeton, balbuciando as visões!

— Como podes dizer isso? És filha do Arquidruída; na Casa da Floresta podes ser treinada como bardo!

Dieda franziu a testa.

— Um bardo mulher? Ardanos nunca o permitiria, nem eu queria passar a minha vida engaiolada com um bando de mulheres. Preferia juntar-me aos Corvos, com o teu irmão adotivo Cynric, e lutar contra Roma!

— Chiu! — Eilan olhou em volta como se as árvores tivessem ouvidos. — Não sabes que não deves falar disso, nem mesmo aqui? Além disso, o que tu queres fazer ao lado de Cynric não é lutar, mas deitares-te. Bem vi como olhas para ele! — sorriu.

Agora, Dieda estava a corar.

— Não sabes nada acerca disso! — exclamou. — Mas o teu tempo chegará, em que ficarás tolinha por causa de um homem, e será a minha vez de rir. — Começou a dobrar a toalha.

— Isso nunca acontecerá — disse Eilan. — Quero servir a Deusa. — E por um momento a sua visão escureceu e o murmúrio da água tornou-se mais audível, como se a Senhora tivesse ouvido. E logo a seguir, Dieda estava a colocar-lhe o cesto nas mãos.

— Vamos para casa. — Começou a subir o caminho. Mas Eilan hesitou, porque lhe pareceu ter ouvido alguma coisa que não era o barulho da nascente.

— Espera! Ouves aquilo? Vem dali, junto do velho fosso do javali...

Dieda deteve-se, virando a cabeça, e ouviram-no novamente, mais débil agora, como um animal em sofrimento.

— É melhor irmos ver — disse ela finalmente —, apesar de irmos chegar atrasadas a casa. Mas, se alguma coisa caiu ali, os homens terão de vir e dar-lhe o golpe de misericórdia.

O rapaz jazia, trémulo e a sangrar, no fundo da armadilha para javalis, as suas esperanças de ser resgatado desvanecendo-se à medida que a luz diminuía.

A cova onde se encontrava era húmida e malcheirosa, cheirando às fezes dos animais que ali tinham ficado presos no passado. Havia estacas afiadas presas no fundo e nos lados da cova; uma dessas tinha-lhe furado o ombro — não era uma ferida perigosa, julgava ele, nem particularmente dolorosa,

porque o braço ainda estava entorpecido pela força da queda. Mesmo assim, apesar de ligeira, era provável que o matasse.

Não que ele tivesse medo de morrer; Gaius Macellius Severus Siluricus tinha dezanove anos e prestara juramento ao imperador Tito como oficial romano. Travara a sua primeira batalha antes de ter barba na cara. Porém, morrer por ter caído como uma lebre tola numa armadilha enfurecia-o. Era sua própria culpa, pensou Gaius amargamente. Se tivesse dado ouvidos a Clotinus Albus, estaria agora sentado junto de uma lareira acolhedora, bebendo a cerveja do País do Sul e namoriscando a filha do seu anfitrião, Gwenna — que pusera de parte as maneiras castas dos Bretões do interior e adotara a atitude mais arrojada e extrovertida das raparigas das cidades romanas, como Londinium, com a mesma facilidade com que o seu pai adotara a toga e a língua latinas.

E, contudo, fora pelo seu próprio conhecimento dos dialetos bretões que o tinham enviado naquela viagem, lembrou-se Gaius, e a sua boca encurvou-se com tristeza. O idoso Severus, seu pai, era prefeito do campo da Segunda Legião Adiutrix em Deva, e casara com a filha de cabelos negros de um chefe dos Silures nos primeiros dias da conquista, quando Roma ainda tinha esperança de vencer as tribos através de alianças. Gaius falara o seu dialeto antes de poder pronunciar uma palavra do latim infantil.

Houvera um tempo, claro, em que um oficial de uma Legião Imperial estacionado no forte de Deva não se teria dado ao trabalho de explicar as suas exigências na língua de um país conquistado. Mesmo agora, Flávio Rufo, tribuno da segunda corte, não se importava nada com essas gentilezas. Mas Macellius Severus sénior, *Prefectus Castrorum*, prestava contas apenas a Agrícola, governador da Província da Bretanha, e era sua responsabilidade manter a paz e harmonia entre os povos da Província e a Legião que os ocupava, vigiava e governava.

Ainda lambendo as feridas, uma geração depois de a Rainha Assassina Boudica ter tentado a sua infrutífera rebelião — e ter sido severamente punida pelas Legiões —, o povo da Bretanha era bastante pacífico sob as pesadas cargas de impostos e tributos. Suportavam os recrutamentos forçados de mão de obra cada vez com menos humildade, e aqui, nos arrabaldes do Império, o ressentimento ainda ardia em fogo lento, habilmente alimentado por alguns chefes pouco importantes e descontentes. Para este antro de problemas, Flávio Rufo enviava agora uma expedição de legionários, para supervisionar um recrutamento de homens que seriam enviados para trabalhar nas minas imperiais de chumbo nas colinas.

A política imperial não admitia que um jovem oficial estivesse estacionado

na Legião onde o seu pai detinha um posto tão importante quanto o de prefeito. Assim, Gaius detinha agora o posto de tribuno militar na Legião de Valeria Victrix em Glevum e, apesar do seu meio sangue bretão, sujeitara-se desde a infância à severa disciplina do filho de um soldado romano.

O idoso Macellius não procurara favores para o seu filho até agora. Mas Gaius sofrera um ligeiro ferimento na perna durante uma escaramuça na fronteira; antes de estar completamente recuperado, uma febre enviara-o para casa em Deva, com permissão para convalescer antes de voltar ao seu posto. Recuperado, estava inquieto em casa do pai; a oportunidade de ir com a leva para as minas parecia-lhe umas férias agradáveis.

A viagem decorrera praticamente sem incidentes; depois de as mal-humoradas levas de homens terem sido entregues, Gaius, ainda com duas semanas de licença para gozar, aceitara o convite de Clotinus Albus, secundado pelos olhares imodestos da filha, de ficar por alguns dias e desfrutar de algumas caçadas. Clotinus também era adepto disso e — Gaius sabia-o — apreciara a ideia de oferecer hospitalidade ao filho de um oficial romano. Gaius encolhera os ombros, desfrutara da caça, que era excelente, e dissera à filha de Clotinus uma série de mentiras agradáveis, o que também fora excelente. Ainda no dia anterior tinha morto um veado naqueles mesmos bosques, provando-se tão hábil com os dardos como aqueles bretões com as suas próprias armas, mas agora...

Esparramado na sujidade da cova, Gaius bradara maldições desesperadas contra o escravo timorato que se oferecera para lhe mostrar um atalho entre a casa de Clotinus e a estrada romana que levava diretamente, ou assim ele dizia, a Deva; contra a sua própria tolice de deixar o simplório conduzir a quadriga; contra a lebre, ou lá o que era, que corra diante deles e assustara os cavalos; contra os próprios animais mal treinados e o idiota que os deixara fugir e contra o momento de distração em que se desequilibrara e fora lançado, meio atordoado, ao chão.

Atordoado, sim, mas se não estivesse meio sem sentidos por causa da queda, teria tido juízo suficiente para se manter onde caíra; até um parvo como o condutor, mais cedo ou mais tarde, recuperaria o controlo dos cavalos e voltaria para o ir buscar. Ainda mais que tudo, amaldiçoava a sua própria loucura por tentar encontrar o caminho através da floresta e sair do carreiro. Provavelmente, afastara-se muito.

Ainda devia estar tonto devido à queda anterior, mas lembrava-se com uma clareza doentia do escorregão súbito, do deslizamento de folhas e galhos quando a armadilha cedeu e, depois, da queda, quando a estaca se cravara no seu braço com uma força que o privara de consciência por alguns minutos.

A tarde estava a avançar quando ele recuperara o suficiente para avaliar os seus ferimentos. Uma segunda estaca rasgara-lhe a barriga da perna, abrindo novamente a velha ferida; não era uma ferida grave, mas ele torcera o tornozelo com tanta força que este inchara até ao tamanho da coxa; estava partido — ou pelo menos assim parecia. Gaius, sem ferimentos, era ágil como um gato e teria saído dali num instante, mas agora estava demasiado fraco e atordado para se mexer.

Ele sabia que se não sangrasse até à morte antes do cair da noite, o cheiro do sangue atrairia certamente animais selvagens que acabariam com ele. Tentou sufocar as memórias de histórias contadas no quarto das crianças acerca de coisas piores que esse cheiro podia atrair.

O frio húmido infiltrava-se-lhe em todo o corpo; gritara até enrouquecer. Agora, se tivesse de morrer, fá-lo-ia com uma dignidade romana. Enrolou uma dobra da sua capa ensopada de sangue no rosto e então, com o coração a bater ferozmente, arrastou-se para cima, pois ouvira vozes.

Gaius reuniu todas as suas forças a diminuir num grito — meio gemido, meio uivo; ficou envergonhado com os sons inumanos depois de estes saírem da sua garganta; e esforçou-se por adicionar uma súplica mais humana, mas não saiu nada. Segurou-se a uma das estacas, mas só conseguiu erguer-se sobre um joelho e encostar-se à parede suja.

Por um momento, um último raio de sol cegou-o. Pestanejou e viu a cabeça de uma rapariga emoldurada na luz por cima dele.

— Grande Mãe! — gritou ela numa voz clara. — Como, em nome de todos os deuses, conseguiste cair aí? Não viste os avisos que estão nas árvores?

Gaius não conseguiu dizer uma palavra; a jovem dirigira-se-lhe num dialeto excepcionalmente puro, que não lhe era familiar. É claro que haveria aqui homens da tribo dos Ordovicos. Teve de pensar um momento para traduzir para o *patois* silure da sua mãe.

Antes que pudesse responder, uma segunda voz feminina, esta mais rica e ainda mais forte, exclamou:

— Que falta de esperteza. Devíamos deixá-lo aí, para atrair os lobos. — Outro rosto apareceu ao lado do primeiro, e por um momento ele pensou se a sua visão lhe estaria a pregar partidas. — Eh, segura a minha mão, e acho que entre as duas conseguimos tirar-te daí — disse ela. — Eilan, ajuda-me!

Uma mão de mulher, esguia e branca, desceu para ele, Gaius levantou a sua mão que não estava ferida, mas não a conseguiu fechar.

— Que se passa? Estás ferido? — perguntou a rapariga, agora com mais gentileza.

Antes de poder responder, a outra — Gaius não conseguia ver nada dela, exceto que era jovem — dobrou-se para ver com os seus próprios olhos.

— Oh, já estou a ver. Dieda, ele está a sangrar! Corre a buscar o Cynric para o tirar daqui.

O alívio percorreu Gaius tão poderosamente que a consciência quase o abandonou, e ele voltou a tombar, gemendo quando o movimento lhe arranhou as feridas.

— Não podes desmaiar — disse a voz clara por cima dele. — Deixa que as minhas palavras sejam uma corda que te liga à vida, ouves?

— Ouço-te — sussurrou ele. — Por favor, continua a falar comigo.

Talvez fosse porque a ajuda ia chegar que ele se permitia sentir, mas as suas feridas começavam a doer muito. Ouvia a voz da rapariga por cima de si, mas as palavras já não lhe faziam sentido. Ondulavam como o murmúrio de um ribeiro, levando a sua mente além da dor. O mundo escureceu. Gaius só percebeu que era a luz do dia e não a sua visão que lhe falhava quando viu o brilho de tochas nas árvores.

O rosto da rapariga desapareceu e ele ouviu-a chamar:

— Pai, está um homem preso no velho fosso dos javalis.

— Nós tiramo-lo de lá — respondeu uma voz mais grave. — Hum... — Gaius sentiu um movimento por cima de si. — Parece que vai ser necessária uma padiola. Cynric, é melhor ires lá abaixo ver.

No momento seguinte, um jovem tinha descido pelas paredes da cova. Olhou para Gaius e perguntou, divertido:

— Onde é que tinhas a cabeça? É preciso ser muito tolo para cair num sítio que toda a gente sabe que está aí há trinta anos!

Reunindo os restos do seu orgulho, Gaius começou a dizer que se o rapaz o tirasse dali seria devidamente recompensado, depois ficou satisfeito por não ter falado. Enquanto os seus olhos se acostumavam à luz da tocha, o jovem romano percebeu que o seu salvador era mais ou menos da sua idade, não muito mais de dezoito anos, mas era um gigante. O seu cabelo claro encaracolava, solto, em torno dos ombros, e o seu rosto, ainda sem barba, parecia tão alegre e calmo como se resgatar estranhos meio-mortos fizesse parte da sua rotina. Usava uma túnica de pano aos quadrados e calças de couro finamente tingido; a sua capa de lã bordada estava presa com um alfinete de ouro, ostentando um corvo estilizado em esmalte vermelho. Estas eram as roupas de um homem de uma casa nobre, mas não um daqueles que acolhia bem os conquistadores e imitava as maneiras de Roma.

Gaius disse simplesmente, na linguagem das tribos:

— Sou estranho aqui, não conheço as vossas marcas nas árvores.

— Bem, não te preocupes com isso. Vamos tirar-te daqui e depois podemos falar da forma como caíste. — O jovem deslizou um braço pela cintura de Gaius, apoiando o jovem romano tão facilmente como se ele fosse uma criança.

— Escavámos este fosso para javalis, ursos e romanos — comentou ele tranquilamente. — Foi azar, teres caído nele. — Olhou para o cimo da cova e disse: — Baixa a tua capa, Dieda; depois será mais fácil arranjar algo para padiola. A capa dele está toda enrijecida de sangue.

Quando a capa desceu, o rapaz amarrou-a em volta da cintura de Gaius e depois, prendendo a outra ponta na sua, colocou o pé na estaca mais baixa e disse:

— Grita se eu te magoar; já icei ursos assim, mas estavam mortos e não se podiam queixar.

Gaius cerrou os dentes e segurou-se, quase desmaiando de dor quando o seu tornozelo inchado bateu numa raiz saída da terra. Alguém lá em cima se debruçou e lhe segurou as mãos e, finalmente, atravessou a beira e ficou ali, por um momento apenas a respirar, antes de ter força para abrir os olhos.

Um homem mais velho estava inclinado sobre ele. Afastou gentilmente a capa malcheirosa e manchada de sangue de Gaius e assobiou.

— Algum deus deve amar-te, estrangeiro; alguns centímetros mais abaixo e aquela estaca tinha-te perfurado os pulmões. Cynric, meninas, olhem para isto — prosseguiu ele. — Onde o ombro ainda sangra, o sangue é escuro e lento, por isso está a voltar ao coração. Se viesse do coração seria vermelho-vivo e jorraria, e provavelmente ele teria sangrado até à morte antes de o encontrarmos.

O rapaz louro e as duas raparigas debruçaram-se, um após o outro, para ver. Gaius permaneceu silencioso. Uma suspeita terrível começara a dominá-lo. Já abandonara qualquer ideia de se identificar e pedir-lhes que o levassem a casa de Clotinus Albus em troca de uma recompensa substancial. Agora sabia que só a velha túnica bretã que vestira essa manhã para viajar o tinha salvado. A fria perícia médica daquele discurso disse-lhe que estava na presença de um druida. Depois alguém o levantou, e o mundo escureceu e desapareceu.

Gaius acordou e viu lume numa lareira e a cara de uma rapariga a olhá-lo. Por um momento, as feições dela pareciam nadar num halo ardente. Era jovem e de pele clara, mas os olhos eram de um estranho tom entre avelã e cinzento, afastados um do outro sob pestanas claras. A boca tinha covinhas, mas exibia uma expressão tão séria que parecia mais velha que o resto da cara; o cabelo era tão claro como as pestanas, quase sem cor, tirando os pontos em

que a luz do lume o tingia de vermelho. Uma das suas mãos percorreu-lhe a cara e ele sentiu-a fria; ela tinha estado a banhar-lhe o rosto com água.

Ele olhou pelo que lhe pareceu muito tempo, até as feições dela ficarem gravadas para sempre na sua memória. Depois, alguém disse «Basta, Eilan. Acho que ele está acordado», e a rapariga retirou-se.

*Eilan...* Ele já ouvira aquele nome antes. Teria sido num sonho? Ela era encantadora.

Gaius esforçou-se por ver, e percebeu que estava deitado numa tarimba encastrada na parede. Olhou à sua volta, tentando compreender onde estava. Cynric, o jovem que o içara para fora do fosso, e o velho druida cujo nome não sabia, estavam ao lado dele. Encontrava-se numa casa redonda, com estrutura de madeira, construída ao velho estilo céltico, com troncos alisados radiando do alto pico do teto para a parede baixa. Não estava numa casa daquelas desde criança, quando a mãe o levara a visitar a família.

O chão estava tapado com juncos; a parede de pequenos galhos entrelaçados de avelaneira tinha várias fendas, tapadas com barro caiado, e as divisões entre as camas eram também feitas de vime. Uma grande aba de couro tapava a entrada, substituindo uma porta. Estar deitado naquele sítio fazia-o sentir-se muito jovem, como se todos os anos de treino romano que entretanto vivera lhe tivessem sido arrancados.

O seu olhar moveu-se lentamente em torno da casa e de volta à rapariga. O vestido dela era de um linho castanho-avermelhado e segurava nas mãos uma bacia de cobre; era alta, mas mais jovem do que ele pensara, o seu corpo ainda plano como o de uma criança, sob as pregas do vestido. A luz da lareira central atrás dela brilhava no seu cabelo louro.

A luz da lareira também lhe mostrava o homem mais velho, o druida. Gaius virou um pouco a cabeça e olhou para ele por baixo das pestanas. Os druidas eram homens instruídos entre os Bretões, mas toda a vida lhe tinham dito que eram fanáticos. Encontrar-se na casa de um druida era como acordar no covil de um lobo, e Gaius não se importou de admitir que tinha medo.

Pelo menos, quando o ouvira discursar calmamente sobre a circulação do sangue, algo que o médico grego do seu pai lhe dissera ser um ensinamento dos padres curandeiros da categoria mais elevada, tivera a sensatez de esconder a sua identidade romana.

Não que aquelas pessoas fizessem qualquer segredo de quem *eles eram*. «Escavámos este fosso para javalis, ursos e romanos», dissera o jovem muito casualmente. Isto devia ter-lhe indicado imediatamente que se encontrava muito fora do círculo protegido de domínio romano. Contudo, não estava a mais de um dia de viagem do posto da Legião em Deva!

Mas se estava nas mãos do inimigo, pelo menos estava a ser bem tratado. As roupas que a rapariga usava eram bem costuradas, a bacia de cobre que carregava belamente trabalhada — sem dúvida vinda de um dos mercados do Sul.

Velas de junco mergulhadas em sebo ardiam em taças suspensas, o leito em que jazia estava coberto com lençóis de linho, o colchão de palha cheirava a ervas doces. Estava celestialmente quente depois do frio da cova. O velho que dirigira o seu resgate veio sentar-se ao seu lado e, pela primeira vez, Gaius viu bem o seu salvador.

Era um homem grande e imponente, com ombros bastante fortes para derrubar um touro. O seu rosto era grosseiro, como que descuidadamente esculpido em pedra no crânio, e os olhos eram cinzento-claros e frios. O cabelo estava liberalmente salpicado de cinzento; Gaius pensou que andaria pelos cinquenta anos, como o seu pai.

— Escapaste por muito pouco, meu jovem — disse o druida. Gaius teve a impressão de que as reprimendas eram algo de muito natural nele. — Da próxima vez, mantém os olhos abertos. Vou observar esse ombro daqui a pouco. Eilan. — Chamou a rapariga e deu-lhe instruções em voz baixa.

Ela foi-se embora e Gaius perguntou:

— A quem devo a minha vida, Honorável? — Nunca tinha pensado mostrar respeito a um druida. Gaius, como toda a gente, tinha sido educado nas velhas histórias de horror de César sobre o sacrifício humano, e nas histórias das guerras que tinham sido travadas para subjugar o culto druida na Bretanha e na Gália. Hoje em dia, os que permaneciam estavam muito bem controlados pelos éditos romanos, mas podiam ser tão problemáticos como os cristãos. A diferença era que, enquanto os cristãos espalhavam a dissensão nas cidades e se recusavam a adorar o imperador, os druidas conseguiam incitar os próprios povos conquistados a guerras sangrentas.

Contudo, havia algo naquele homem que impunha respeito.

— O meu nome é Bendeigid — disse o druida, mas não questionou Gaius e o jovem romano lembrou-se de ter ouvido o povo da sua mãe dizer que entre os Celtas um convidado ainda era sagrado, pelo menos fora das terras romanas. O pior inimigo de um homem podia pedir comida e abrigo e partir sem ser interrogado, se assim preferisse. Gaius respirou um pouco mais livremente por essa trégua; este era um sítio onde seria mais seguro — e sensato — pedir hospitalidade como convidado do que exigi-la como o direito de um conquistador.

A rapariga, Eilan, voltou à alcova, trazendo um pequeno baú de carvalho com fechaduras de ferro e um chifre para beber. Disse timidamente:

— Espero que seja o certo.

O pai acenou-lhe bruscamente, tirou-lhe o baú das mãos e indicou-lhe com um gesto que desse o chifre a Gaius. Ele pegou-lhe e descobriu, para sua surpresa, que os seus dedos não tinham força para fechar.

O druida falou.

— Bebe isso — disse, com o inegável tom de um homem que está acostumado a dar ordens e a ser obedecido. Acrescentou, após um minuto: — Precisarás dela quando acabarmos o que te vamos fazer. — Falava de um modo bastante agradável, mas Gaius começou a ter medo.

Bendeigid apontou para a rapariga e ela voltou para junto da cama de Gaius.

Ela sorriu, provou algumas gotas no gesto tradicional de hospitalidade, depois encostou o chifre aos lábios dele. Gaius tentou erguer-se um pouco, mas os seus músculos não lhe obedeceram. Com um gritinho de compaixão, Eilan ergueu-lhe a cabeça na curva do seu braço para que pudesse beber.

O jovem romano bebeu um pouco; era melaço forte, a que tinha sido adicionada qualquer especiaria amarga, provavelmente medicinal.

— Quase puseste um pé no Outro Mundo, estrangeiro, mas não morrerás — murmurou ela. — Vi-te num sonho, mas eras mais velho... e tinhas um rapazinho ao teu lado.

Ele ergueu o olhar para ela, já tão deliciosamente inebriado que aquilo não o perturbou. Jovem como era, deitado de encontro ao seu peito, era como estar de volta aos braços da sua mãe. Agora, que sofria, quase conseguia lembrar-se dela, e as lágrimas picaram-lhe os olhos. Estava vagamente consciente quando o velho druida lhe cortou a túnica e ele e o jovem Cynric lhe lavaram as feridas com qualquer substância que ardia — mas não era pior do que o que o velho Malinus lhe pusera na perna quando se ferira da vez anterior. Espalharam-lhe na perna algo pegajoso e ardente, e ligaram-na com tiras de linho bem apertadas. Depois moveram o tornozelo inchado e ele observou sem muito interesse quando alguém falou:

— Nada de muito grave aqui, nem sequer está partido.

Mas saiu do seu estupor onírico quando Cynric disse:

— Coragem, jovem, aquela estaca estava suja, mas acho que conseguimos salvar o braço, se o queimarmos.

— Eilan — ordenou o velho rispidamente —, sai daqui. Isto não é para os olhos de uma jovem.

— Eu seguro-o, Eilan — disse Cynric. — Podes ir.

— Eu fico, pai. Talvez possa ajudar. — A sua mão fechou-se sobre a de Gaius, e o velho resmungou.

— Como queiras, mas não grites nem desmaies.

No minuto seguinte, Gaius sentiu mãos fortes — seriam as de Cynric? — a segurá-lo de encontro à cama. A mão de Eilan continuava entrelaçada na sua, mas ele sentiu-a estremecer um pouco; virou a cabeça para o lado, fechando os olhos e cerrando os dentes, não fosse escapar-lhe algum grito vergonhoso. Cheirou a aproximação do ferro aquecido, e depois uma agonia assustadora percorreu-lhe o corpo todo.

Um grito contorceu-lhe os lábios, sentiu-o escapar como um rugido engasgado; depois o toque áspero soltou-o e ele sentiu apenas as mãos macias da rapariga. Quando conseguiu abrir os olhos, viu o druida a observá-lo, um sorriso sombrio preso em volta da barba grisalha. Cynric, que ainda estava inclinado sobre ele, estava muito pálido; Gaius vira aquele olhar nos jovens sob o seu comando após a sua primeira batalha.

— Bem, não és decerto um cobarde, rapaz — disse o jovem numa voz abafada.

— Obrigado — disse Gaius absurdamente. E desmaiou.

## 2

---

Quando Gaius recuperou a consciência, sentindo que estivera inconsciente por muito tempo, as velas de junco tinham ardido até ao fim. Apenas vinha uma luz fraca das brasas na lareira, que lhe permitiu distinguir a rapariga, Eilan, sentada ao seu lado, quase adormecida. Sentia-se cansado, o seu braço latejava e tinha sede. Ouvia vozes de mulheres a pouca distância. O ombro estava envolto em grossas ligaduras de linho — parecia-lhe ter sido enfaixado como um bebé recém-nascido. O ombro ferido estava pegajoso, com uma sálvia gordurosa, e o linho cheirava a gordura e bálsamo.

A rapariga estava silenciosamente sentada ao seu lado num banquinho de três pernas, pálida e esguia como uma vara jovem de vidoeiro, o cabelo penteado para trás, ondulando um pouco; tinha uma textura demasiado fina para ficar perfeitamente alisado. Usava uma corrente dourada em volta do pescoço, com um qualquer amuleto. Estas raparigas bretãs amadureciam tarde, Gaius sabia-o; ela devia ter uns quinze anos. Não se podia dizer que fosse uma mulher, mas já não era, decerto, criança.

Ouviu-se um barulho, como se alguém tivesse deixado cair um balde, e uma voz jovem gritou:

— Então podes ir tu ordenhá-las, se quiseres!

— E o que fazemos com a mulher da vacaria? — perguntou asperamente uma voz de mulher.

— Oh, está a berrar e a chorar como um demónio porque aqueles carneiros romanos chegaram e recrutaram o homem dela, deixando-a com três bebés — disse a primeira voz. — E agora o meu Rhodri foi atrás deles.

— A maldição de Tanarus sobre todos os romanos — começou uma voz que Gaius reconheceu como a de Cynric, mas a voz da mulher mais velha interrompeu-o.

— Está calado. Mairi, põe os pratos na mesa, não fiques aí a gritar com os rapazes. Eu vou lá falar com a pobre mulher... dizer-lhe que pode trazer os pequeninos aqui para casa... mas alguém tem de ordenhar as vacas esta noite, ainda que os Romanos levem todos os homens da Bretanha.

— Tu és boa, Mãe Adotiva — disse Cynric, e as vozes voltaram a baixar para um murmúrio. A rapariga olhou para Gaius e levantou-se do banco.

— Oh, estás acordado — disse. — Tens fome?

— Era capaz de comer um cavalo e a quadriga, e perseguir o cocheiro até meio caminho de Venta — disse Gaius com gravidade, e ela fitou-o por um momento antes de arregalar os olhos e rir.

— Vou ver se temos um cavalo e uma quadriga na cozinha — disse ela, rindo, e então a luz atrás dela intensificou-se e uma senhora apareceu à porta. Por um momento, ele ficou atordoado com a luz; porque a luz que entrava no quarto era a luz do Sol.

— Que é isto, já o dia seguinte? — disse ele sem pensar, e a senhora riu-se, virou-se e abriu a cortina de couro, prendendo-a num gancho e apagando as velas derretidas num movimento fácil.

— A Eilan não nos deixou incomodar-te nem para comer — disse ela. — Insistiu que o repouso te faria melhor do que a comida. Suponho que tinha razão, mas deves ter muita fome agora. Peço desculpa por não estar aqui a dar-te as boas-vindas a nossa casa; estava a cuidar de uma mulher doente num dos nossos clãs. Espero que a Eilan tenha cuidado de ti adequadamente.

— Oh, muito — respondeu Gaius. Pestanejou, porque algo nas maneiras da mulher o recordava dolorosamente da mãe.

A senhora observou-o. Era linda, aquela mulher bretã, e tão parecida com a rapariga que a relação era óbvia, mesmo antes de a rapariga dizer «Mãe...» e se ter detido, demasiado tímida para continuar. A mulher, como a rapariga, tinha cabelo claro e olhos escuros, cinzento-avelã. Parecia ter estado a trabalhar com as suas criadas, porque tinha uma mancha de farinha na fina túnica de lã, mas a camisa que se via por baixo era branca, do linho mais fino que ele vira na Bretanha, debruada com bordado. Os sapatos eram de um bom couro tingido, e finos alfinetes de ouro espiralado fechavam-lhe o vestido.

— Espero que te sintas melhor — disse ela, graciosamente.

Gaius ergueu-se, apoiado no braço bom.

— Muito melhor, minha senhora — disse —, e eternamente grato a si e aos seus.

Ela fez um pequeno gesto de desdém.

— Vens de Deua?

— Tenho estado de visita perto daí — respondeu. O toque de latim no seu discurso seria explicado se ela pensasse que ele vinha de uma cidade romana.

— Visto que estás acordado, vou mandar o Cynric ajudar-te a tomar banho e a vestir.

— Seria bom lavar-me — disse Gaius, puxando o cobertor para cima quando percebeu que estava nu, à exceção das ligaduras.

A mulher seguiu o seu olhar e disse:

— Ele vai arranjar-te algumas roupas; talvez sejam demasiado grandes para ti, mas servirão, para já. Se preferires ficar aqui e descansar, podes, mas gostaríamos que te juntasses a nós, se te sentires capaz.

Gaius pensou por um momento. Todos os músculos do seu corpo pareciam ter sido sovados com moccas; por outro lado, não conseguia deixar de se sentir curioso acerca daquela casa, e não devia dar a impressão de desdenhar a sua companhia. Ele acreditara sempre que os bretões que não se tinham aliado a Roma eram sobretudo selvagens, mas não havia nada de primitivo naquele sítio.

— Junto-me a vós com prazer — disse, e passou uma mão pela cara, desanimado com a barba por fazer. — Mas gostaria de me lavar e, talvez, barbear-me.

— Acho que não te deves dar ao trabalho de te barbeares... decerto, não para nós — disse ela. — Mas o Cynric ajudar-te-á a lavares-te. Eilan, vai procurar o teu irmão e diz-lhe que faz falta aqui.

A rapariga foi-se embora. A senhora virou-se para a seguir, depois olhou para ele, vendo-o mais claramente na luz do vão da porta. Os seus olhos adoçaram, passando de um sorriso de cortesia a um que o recordava da forma como a sua própria mãe o olhava, há muito, muito tempo.

— Afinal — disse ela —, és apenas um rapaz.

Por um momento, Gaius sentiu-se magoado com as palavras — há três anos que fazia trabalho de homem —, mas antes de poder compor uma qualquer resposta cortês, uma trocista voz juvenil falou.

— Sim, e se ele é um rapaz, madrasta, eu sou um bebé com roupas grandes. Bem, desastrado, estás pronto para cair em mais armadilhas para javalis?

Cynric atravessou a porta. Mais uma vez Gaius ficou pasmado com a sua altura, mas, apesar disso, ele também era ainda um jovem; contudo, fazia dois de Gaius.

Riu-se.

— Bem, pareces menos pronto para ser levado pelo velho que mata tolos

e bêbados. Deixa-me ver a tua perna e decidir se estás preparado para pôr os pés no chão. — Apesar do seu tamanho, as suas mãos eram gentis quando lhe examinou a perna magoada e, quando terminou, voltou a rir.

— Todos devíamos ter pernas tão boas para andar! Foi sobretudo uma pancada má; o que é que fizeste, bateste com ela numa estaca? Foi o que pensei. Alguém com menos sorte tê-la-ia partido em três sítios e ficava a coxear para o resto da vida, mas acho que vais ficar bem. O ombro é outro assunto, não poderás viajar pelo menos por uns sete dias.

Gaius esforçou-se por se levantar.

— Mas preciso — disse. — Tenho de estar em Deva dentro de quatro dias. — A sua licença terminaria...

— O que te digo é que, se estiveres em Deva dentro de quatro dias, os teus amigos enterrar-te-ão lá — disse Cynric. — Até eu sei isso. Oh, a propósito — assumiu uma posição deliberada e recitou, como se repetisse uma lição —, Bendeigid manda os seus cumprimentos ao hóspede da sua casa e deseja-lhe a melhor convalescença possível; lamenta que a necessidade o mantenha ausente durante o dia e a noite de hoje, mas terá muito gosto em vê-lo no seu regresso. — Acrescentou: — Seria necessário um homem mais corajoso do que eu para lhe dizer que não aceitaste a sua hospitalidade.

— O teu pai é muito generoso — respondeu Gaius.

O melhor então era repousar. Não havia nada que ele pudesse fazer. Não podia falar de Clotinus. O que aconteceria a seguir, dependia daquele tolo que conduzia a quadriga; se ele voltasse e, como era seu dever, reportasse que o filho do prefeito tinha caído e talvez estivesse morto, já estariam a passar os bosques a pente fino para encontrar o seu corpo. Por outro lado, se o idiota mentisse, ou aproveitasse a oportunidade para fugir para alguma aldeia que não estivesse sob domínio romano — e havia muitas, mesmo aqui, tão perto de Deva —, bem, não podia adivinhar. Era provável que não dessem pela falta dele enquanto Macellius Severus não começasse a indagar acerca do filho.

Cynric estava inclinado sobre um baú aos pés da cama; tirou uma camisa e olhou-a, meio divertido, meio desanimado.

— Os farrapos que vestias agora só servem para espantalhos — disse. — Vou pedir às raparigas que os lavem e remendem, se for possível; elas não têm muito mais que fazer, com o tempo que está. Mas com isto, vais parecer uma criada de vestido comprido. — Pousou-a. — Vou ver se arranjo alguma coisa mais apropriada para o teu tamanho.

Foi-se embora e Gaius vasculhou no que restava das roupas dobradas ao lado da cama, procurando a bolsa no cinto de couro que eles tinham cortado. Estava tudo intocado, tanto quanto podia ver. Alguns dos quadrados de lata

que ainda passavam por moeda fora das cidades romanas, uma fivela, um canivete, um ou dois pequenos aros e algumas outras bugigangas que não quisera usar durante uma caçada — ah, sim, aqui estava. De muito lhe serviria! Relanceou rapidamente o pedaço de pergaminho com o selo do prefeito; o seu salvo-conduto não lhe seria útil neste sítio, se é que não o colocava, efetivamente, em perigo; mas quando saísse dali precisaria dele para viajar.

Introduziu-o rapidamente outra vez na bolsa. Teriam visto o anel de sinete? Começou a retirá-lo do dedo e a pô-lo na bolsa, mas então Cynric, com algumas roupas no braço, voltou ao quarto. Gaius sentiu-se quase culpado; parecia que estava a examinar os seus bens para ver se algo tinha sido roubado.

— Acho que o selo do anel se soltou quando caí — disse, e empurrou levemente a pedra verde para trás e para a frente. — Receio que caia se o usar.

— Trabalho romano — disse Cynric, olhando o anel. — O que é que diz?

Apenas ostentava as suas iniciais e as armas da Legião, mas ele tinha orgulho no anel, porque Macellius o encomendara em Londinium a um ourives quando ele aceitara a sua comissão. No entanto, respondeu apenas:

— Não sei, foi um presente.

— O desenho é romano — disse Cynric, com ar carrancudo. — Os Romanos espalharam as suas porcarias daqui até à Caledónia. — E acrescentou, desdenhosamente: — Não se pode dizer de onde veio.

Algo nos modos de Cynric disse a Gaius que estava agora em maior risco de morte do que estivera no fosso. O próprio druida, Bendeigid, nunca violaria a hospitalidade; sabia-o pelas histórias da mãe e da ama. Mas não podia prever as ações daquele jovem de cabeça quente.

Num impulso, tirou um dos anéis mais pequenos da bolsa.

— Devo-te a minha vida, assim como ao teu pai — disse. — Aceitarás este presente meu? Não é valioso, mas servirá para te recordar uma boa ação que fizeste.

Cynric pegou no anel. Era demasiado pequeno para os seus dedos, exceto o mindinho.

— Cynric, filho de Bendeigid, o Druida, agradece-te, estrangeiro — disse. — Não conheço o nome ao qual retribuir o agradecimento...

Era uma insinuação tão direta quanto as boas maneiras permitiam, e Gaius não podia, em cortesia, ignorá-la. Teria dado o nome do irmão da sua mãe, mas o nome do chefe silure que entregara a irmã a um romano podia ter chegado até àquele canto da Bretanha. Uma pequena infração à verdade era melhor do que uma grande.

— A minha mãe chamava-me Gawen — disse por fim. Isto, pelo menos,

era verdade, pois Gaius, o seu nome romano, era estrangeiro na sua língua. — Nasci em Venta Silurum, a sul, de nenhuma linhagem que possas conhecer.

Cynric refletiu por um momento, revirando o anel no dedo mindinho. Então uma luz curiosa de compreensão iluminou-lhe o rosto. Disse, olhando atentamente Gaius:

— Os corvos voam à meia-noite?

Gaius ficou tão surpreendido pela pergunta quanto pela atitude de Cynric. Por um momento, perguntou-se se o jovem seria tolo, depois respondeu descuidadamente:

— Receio que saibas mais do que eu sobre a vida nos bosques; nunca conheci nenhum que o fizesse.

Olhou para as mãos de Cynric, viu que os seus dedos estavam enlaçados de uma maneira peculiar, e começou a compreender. Aquele devia ser o sinal de uma das muitas sociedades secretas, sobretudo religiosas, como os cultos de Mitra ou do Nazareno. Seriam eles cristãos? Não, o símbolo desses era um peixe, ou algo assim, não um corvo.

Bem, nada podia interessá-lo menos, e a sua expressão devia tê-lo demonstrado. O rosto do jovem bretão alterou-se ligeiramente e ele disse, apressado:

— Vejo que cometi um erro — e virou as costas. — Bem, penso que isto te serve. Pedi-as emprestadas à minha irmã Mairi, são do marido dela. Vem, ajudo-te a chegar à casa de banho e vou buscar-te a navalha do pai, se quiseres barbear-te... embora julgue que já tens idade suficiente para deixar crescer a barba. Cuidado, não ponhas o peso todo sobre esse pé, ou caís para o chão.

Banho tomado, barbeado e, com a ajuda de Cynric, vestido com uma túnica limpa e os calções soltos que os Bretões usavam, Gaius sentiu-se capaz de se levantar e coxear. O braço latejava e ardia, e a perna doía-lhe em vários sítios, mas podia ter sido muito pior e ele sabia que os músculos ficariam rígidos se permanecesse na cama. Mesmo assim, apoiou-se com gratidão nos braços de Cynric enquanto o rapaz mais alto guiava os seus passos através do pátio até ao grande salão de banquetes.

Uma mesa de tábuas cortadas percorria o centro, com bancos pesados de cada lado. O espaço estava aquecido por uma lareira de cada lado. Perto delas, reunia-se uma mistura de homens, mulheres e até algumas crianças. Homens de grandes barbas com batas grosseiras falavam uns com os outros num dialeto tão rude que Gaius não compreendia uma palavra.

Embora o seu tutor lhe tivesse ensinado que a *familia* latina significava originalmente todos os que partilhavam a casa: senhor, crianças, homens livres e escravos, os Romanos mantinham agora os seus serviçais separados da família.

Cynric confundiu o seu olhar de ligeiro desagrado com fraqueza, e apressou-se a conduzi-lo a um assento almofadado no extremo superior da sala comprida.

Aqui, um pouco à parte da multidão misturada no extremo inferior da mesa, estava sentada a senhora da casa, numa cadeira ampla. Perto, outro assento, coberto com uma pele de urso, estava evidentemente reservado para o senhor. Outros bancos compridos estavam ocupados por vários homens e mulheres jovens cujas indumentárias mais requintadas e boas maneiras os proclamavam filhos ou adotados da casa, ou talvez serviçais de categoria superior. A senhora da casa acenou aos rapazes, mas não interrompeu a sua conversa com um homem idoso sentado perto da lareira, pálido e magro como um velho fantasma, com cabelos grisalhos aos caracóis, cortado de uma maneira quase aperaltada. A barba também era grisalha, e elaboradamente encaracolada. Olhos verdes brilhavam no rosto do velho; a sua longa túnica era branca como a neve, ricamente bordada, e a pequena harpa de cordas tensas era ornamentada a ouro.

Um bardo! Mas isso não era tão surpreendente no salão de um druida. Só faltava um vidente, para estarem presentes as três classes de druidas que César descrevera. Mas um adivinhador teria percebido o que se escondia atrás do disfarce do jovem romano. Mesmo assim, o velho bardo concedeu a Gaius um longo olhar que o fez sentir um formigueiro na pele ao longo da coluna, antes de o homem se virar de novo para a sua anfitriã.

Cynric falou baixinho:

— Conheces a minha madrasta Rheis; aquele é o bardo Ardanos. Chamo-lhe avô, porque é pai da minha mãe adotiva; eu sou órfão.

Isto silenciou Gaius completamente, pois ouvira falar de Ardanos no quartel da Legião. Acreditava-se que era um druida poderoso, talvez o chefe dos que permaneciam nas Ilhas Britânicas. Embora à primeira vista Ardanos tivesse o aspeto de qualquer outro tocador de harpa prestes a atuar, cada um dos seus gestos atraía os olhos. Não pela primeira vez, Gaius perguntou-se como escaparia dali com a pele intacta.

Ficou contente por se afundar num banco perto da lareira e ser ignorado. Embora ainda houvesse claridade lá fora, sentiu um arrepio de frio, e agradeceu o calor da lareira. Passara muito tempo desde a última vez que precisara de se lembrar das maneiras dos congêneres da sua mãe. Esperava não cometer um erro que o denunciasse.

Cynric prosseguiu:

— A minha irmã Eilan, já conheces; ao lado dela está a irmã da minha mãe, Dieda. — Eilan estava sentada junto de Rheis. Cynric riu-se do pasmo de Gaius quando viu ao lado de Eilan outra rapariga vestida de linho verde,

recostada na sua cadeira e escutando o velho bardo. Por um momento, pareceu-lhe tão igual a Eilan como uma folha de carvalho é igual à outra, depois percebeu que a rapariga a que Cynric chamara Dieda era um pouco mais velha, e que tinha olhos azuis, enquanto os de Eilan eram quase cinzentos. Lembrava-se vagamente de ver dois rostos a olhá-lo por cima da berma do fosso dos javalis, mas julgara delirar.

— Afinal são mesmo duas; são mais parecidas do que gémeas, não são?

Era verdade, mas Gaius teve de repente a certeza de que a segurança com que reconhecera Eilan permaneceria sempre com ele. Para toda a vida, ele seria um dos poucos capazes de distinguir as duas mulheres, como que por instinto. Chegou-lhe um fragmento de memória misturado com dor e fogo — Eilan sonhara com ele.

E agora que as examinava, percebia que elas eram diferentes em vários outros pequenos aspetos; Dieda era um pouco mais alta e o cabelo tombava-lhe, liso e suave, sobre a testa, enquanto o de Eilan escapava dos ganchos num minúsculo halo de caracóis. O rosto de Dieda era macio, pálido e perfeito; ela parecia solene; Eilan era rosada, como se o seu rosto tivesse apanhado sol e o tivesse prendido ali.

Pareciam-lhe muito diferentes, e as suas vozes também o eram. Dieda disse-lhe uma cortesia indiferente; a sua voz era rica e musical, sem a timidez ou o riso da de Eilan.

— Então tu és o simplório que anda por aí a cair em armadilhas para javalis? — disse Dieda, gravemente. — Pelo que o Cynric me disse, pensei que ia ver um rústico lunático, mas pareces razoavelmente civilizado.

Gaius acenou com a cabeça sem se comprometer; era estranho ver uma rapariga tão jovem com uma reserva tão fria. Ele gostara imediatamente de Eilan mas, de alguma forma, embora parecesse não haver razão para a incomodar, sentia que esta não gostava dele.

Cynric acenou e virou-se para uma jovem que passava com um jarro de leite.

— Mairi, o nosso hóspede chama-se Gawen, caso não te tenhas tornado uma leiteira tão séria que não possas ao menos cumprimentá-lo.

A mulher baixou a cabeça numa saudação polida, mas não respondeu. Quando ela se virou, Gaius percebeu que não era gorducha, mas que estava num estado de gravidez bastante adiantado. Parecia ter estado a chorar.

— E estamos todos apresentados, exceto a minha irmã pequenina, Senara — disse Cynric. Era uma menina de seis ou sete anos, com cabelos claros como os de Eilan. Espreitava timidamente por trás da saia de Mairi e depois ganhou coragem:

— A Eilan não foi para a cama comigo; a mãe disse que ela ficou contigo toda a noite.

— Nesse caso, sinto-me honrado com a sua generosidade — disse Gaius, rindo. — Mas tenho pouco sucesso com as mulheres, se a mais bonita de todas não me presta atenção. Porque não quiseste tu ir vigiar-me, pequerrucha?

Ela era uma coisinha pequenina e rosada, de rosto redondo, e recordava-o da sua própria irmã, que não sobrevivera por muito tempo à morte da mãe, três anos antes. Puxou a criança para si com o braço bom e ela içou-se para o banco ao lado do dele, onde se instalou alegremente. Depois, quando as raparigas mais velhas, Mairi e Dieda, trouxeram comida, insistiu em partilhar do seu prato e Gaius riu e fez-lhe a vontade.

Cynric e Dieda falavam um com o outro em tom baixo e Gaius tentou lidar com a sua comida, mas o braço ligado dificultava-lho. Eilan viu que ele estava com dificuldades e foi sentar-se do outro lado dele. Com uma pequena faca afiada que usava no cinto, cortou-lhe discretamente a comida em pedaços que ele conseguisse comer, e disse à criança, num tom de voz que só eles ouviram, que não incomodasse o hóspede. Depois disso, a timidez de Eilan voltou. Foi para junto da lareira sem falar, e Gaius observou-a com gosto.

Uma das criadas trouxe uma criança de cerca de um ano a Mairi, e a jovem, sem o menor embaraço, desabotoou o vestido e começou a amamentá-la, tagarelando com Cynric. Olhou para Gaius com inocente curiosidade e disse:

— Agora percebo porque é que pediste emprestadas a outra túnica e as calças do meu marido. Ele foi para... — Interrompeu-se, franzindo a testa. — Achei que ele não se importaria de emprestar a sua roupa a um hóspede, embora tivesse decerto uma palavrinha para me dizer se descobrisse que cedi as suas roupas secas enquanto ele tremia na floresta. Diz-me, Gawen, os Silures são todos tão baixos como tu, como um dos povos pequenos, ou algum romano entrou furtivamente na cama da tua avó uma noite?

Qualquer resposta que Gaius desse, teria sido abafada pelas gargalhadas em toda a mesa. Gaius lembrou-se de que os Bretões eram dados a piadas mais grosseiras do que um romano bem-nascido consideraria de bom gosto. Era verdade que os Silures, para bretões, eram mais baixos, morenos e com ossos finos, quando comparados com os homens grandes e de pele clara das tribos belgas. Cynric, Eilan, Dieda e Rheis eram desse género. Mas as poucas memórias que Gaius tinha do seu tio que governava os Silures eram de um homem poderoso, apesar da sua falta de altura, um homem de fúria rápida e gargalhada igualmente rápida, com dragões tatuados nos braços.

Ocorreu-lhe uma resposta que não se atreveria a dar na companhia de romanos, mas que talvez servisse aqui.

— Quanto a isso, não sei dizer, senhora Mairi, mas servem-me muito bem, e a senhora não teve falta de vontade de que eu as enchesse.

Cynric atirou a cabeça para trás com uma gargalhada tonitruante, imitada por todos os outros. Até a discreta Rheis riu um pouco, mas ficou subitamente séria, como se soubesse algo que Mairi desconhecia. Por um momento, pareceu forçar-se à harmonia. Virou-se para Ardanos.

— Pai, podemos ter um pouco de música?

Ardanos pegou na harpa e olhou intensamente para Gaius. O homem mais jovem teve a convicção súbita de que o velho druida sabia perfeitamente o quê — e talvez quem — ele era. Mas, como podia? Gaius tinha cabelo escuro como o seu pai, mas os Silures, como algumas das outras raças do Oeste e do Sul, eram também conhecidos pelos seus cabelos escuros e encaracolados. Ele tinha quase a certeza de nunca antes ter visto o velho. Disse a si mesmo que estava a imaginar coisas — provavelmente aquele olhar fixo de suposto reconhecimento não passava de falta de vista.

O velho druida pegou na harpa, dedilhou uma corda ou duas, depois pô-la de lado.

— Não estou com disposição para cantar — disse, olhando para uma das raparigas de cabelos claros. — Dieda, minha filha, cantas para nós?

Eilan fez um sorriso com covinhas e disse:

— Estou sempre ao seu dispor, avô, mas de facto não quer ouvir-me cantar, pois não?

Ardanos riu tristemente.

— Ah, voltei a cometer o mesmo erro. És tu, Eilan? Juro que tu e a Dieda tentam sempre confundir-me. Como se alguém pudesse distinguir-vos antes de abrirem a boca!

Rheis falou gentilmente:

— Eu não as acho assim tão parecidas, pai. Claro, uma é minha irmã e a outra é minha filha, mas para mim não são nada parecidas. Tens a certeza que não é falta de vista?

— Não. Confundo-as sempre até que uma começa a cantar — protestou o druida. — Então, ninguém pode confundi-las.

Eilan disse:

— Não precisa de fazer uma careta como uma maçã amarga, avô. Eu não sou aprendiz de bardo!

Então calaram-se, quando, sem acompanhamento, Dieda começou a cantar:

*Um passarinho no ar, contou-me uma adivinha:  
Um peixe é um pássaro que nada no mar,  
Um pássaro é um peixe que nada no ar.*

Protegida pela canção, Rheis chamou Mairi junto de si e disse-lhe:

— Os Romanos levaram alguém, além do marido da leiteira?

— Não, que eu saiba, mãe, mas o Rhodri foi atrás deles antes de eu poder perguntar — respondeu Mairi, abanando a cabeça. — Ele disse que a maior parte dos outros recrutamentos foram feitos no Norte.

— Aquele porco gordo do Caradac! Ou deverei dizer Clotinus, como os Romanos lhe chamam! — explodiu Cynric. — Se o velho parasita tivesse ficado do nosso lado, os Romanos nunca se atreveriam a mandar as suas Legiões a esta parte do país... mas visto que todos se viram, ou para os Romanos, ou para os Caledónios...

— Cala-te! — disse Dieda rispidamente, interrompendo a canção. — Acabará por ter de ir, tu próprio, para o Norte...

Rheis falou gentilmente:

— Chiu, crianças, estes assuntos de família não terão interesse para o nosso hóspede.

Mas Gaius percebeu que ela queria dizer: «Não é seguro falar assim com um estranho em casa.»

Ardanos falou com calma:

— Esta parte do país nunca esteve tão tranquila em anos. Os Romanos pensam que nos domaram, que servimos apenas para nos extorquirem impostos. Mas as melhores das suas tropas partiram para conquistar os Novantae... em resultado, há menos ordem aqui.

— Ordem que dispensamos perfeitamente — disse Cynric com brusquidão, mas Ardanos fitou-o intensamente e ele calou-se.

Gaius inclinou-se um pouco para a frente, na direção da lareira. Desconfiava que o melhor era manter-se calado, mas estava curioso.

— Estive em Deva há pouco tempo — disse vagarosamente. — Havia conversas sobre o imperador poder mandar Agrícola voltar de Alba, apesar das suas vitórias. Dizem que não há proveito em desperdiçar homens e mantimentos para assegurar uma terra tão inóspita.

— Duvido que tenhamos tanta sorte — disse Dieda, e riu com desprezo. — Os Romanos até podem vomitar o que comeram para arranjar espaço na barriga para mais, mas nenhum romano alguma vez cedeu um centímetro de terra conquistada!

Gaius abriu a boca, depois pensou melhor. Rheis falou:

— Agrícola é assim tão formidável? Pode mesmo conquistar a Bretanha até ao mar do Norte?

Ardanos fez uma careta.

— Os rumores em Deva podem conter alguma verdade; entre os lobos e os selvagens, duvido que mesmo os Romanos consigam arrancar dali muito proveito.

Dieda olhou para Gaius com súbita malícia.

— Tu, que viveste entre os Romanos, talvez possas dizer-nos porque é que estão a levar os nossos homens e o que é que lhes vai acontecer...

— Os senadores provinciais pagam os seus impostos com os homens dos recrutamentos. Suponho que os levam para as minas de chumbo nas colinas de Mendip — disse ele com relutância. — E não sei o que lhes acontece aí.

Mas sabia. O chicote e a falta de comida seriam usados para quebrar o ânimo, e a faca de capador para tirar a masculinidade aos que continuassem a resistir. Os que sobrevivessem à marcha seriam colocados a trabalhar nas minas, enquanto vivessem. Um brilho de triunfo nos olhos de Dieda disse-lhe que ela adivinhara que ele sabia mais do que dizia. Estremeceu quando Mairi começou a chorar. Ele nunca conhecera — nem pensara vir a conhecer — alguém que pudesse ser vítima dos recrutamentos.

— Não se pode fazer nada? — gritou ela.

— Não este ano — respondeu o velho.

— Não há muito que alguém possa fazer a este respeito — disse Gaius, defensivamente —, mas não se pode negar que as minas enriqueceram toda a Bretanha...

— Podemos viver sem esse enriquecimento — disse Cynric iradamente. — Roma enriquece no topo, e escraviza no fundo.

— Não foram só Romanos que enriqueceram... — começou Gaius.

— Referes-te a traidores como Clotinus?

Rheis inclinou-se para a frente, como se pretendesse terminar uma conversa que se tornara embaraçosa, mas Cynric não permitiu que o detivessem.

— Tu, que viveste entre Romanos — disse, zangado —, sabes como Clotinus, o Caiado de Branco, fez a sua fortuna? Guiou as Legiões para Mona, ou és demasiado romano para te lembrares que outrora existia ali um lugar sagrado, a Ilha das Mulheres, o lugar mais sagrado da Bretanha, talvez, antes da chegada de Paulino?

— Sabia apenas que existia um santuário — disse Gaius com neutralidade, sentindo novamente um formigueiro no pescoço que indicava perigo. Para os Romanos, a destruição de Mona fora ensombrada pela catástrofe da

rebelião dos Icenos, mas sabia que era melhor não discutir Mona em casa de um druida, especialmente porque Agrícola arrasara qualquer resistência que ali pudesse restar apenas no ano anterior.

— Está aqui um bardo, junto da nossa própria lareira — disse Cynric —, que pode cantar sobre as mulheres de Mona até te quebrar o coração!

Quase simultaneamente, o druida falou:

— Esta noite não, rapaz — e a senhora da casa inclinou-se para a frente:

— Não à minha mesa; não é uma história para ser contada enquanto hóspedes tentam comer o seu jantar — disse enfaticamente.

A sugestão, pensou Gaius, era impopular — ou suficientemente política — para tornar a conversa insegura. Mas ele concordava com os sentimentos do bardo; neste momento, não tinha a menor vontade de ouvir histórias sobre as atrocidades romanas.

Cynric ficou com um ar amuado por um momento, depois disse baixinho a Gaius:

— Conto-te mais tarde. A minha mãe adotiva talvez tenha razão; não é uma história para ser contada à mesa do jantar, e diante de crianças.

— Seria melhor — disse Rheis — que falássemos acerca dos preparativos para a festa de Beltane.

Mairi e as raparigas, como se fosse um sinal, levantaram-se da mesa. Cynric ofereceu o braço a Gaius e ajudou-o a voltar para a cama. O jovem romano estava muito mais cansado do que pensara; doíam-lhe todos os músculos do corpo e, embora estivesse resolvido a não dormir antes de ter pensado meticulosamente em tudo aquilo, deu por si a adormecer passado pouco tempo.

Nos dias que se seguiram, o ombro magoado de Gaius inchou, o que o manteve na cama sofrendo dores consideráveis, mas Eilan, que cuidava devotadamente dele, disse que o desconforto não era nada em comparação com a doença que podia ter sido causada por uma estaca tão suja.

A única parte do dia que era tolerável era quando, duas ou três vezes, Eilan — que parecia ter-se nomeado sua enfermeira — lhe trazia as refeições e o alimentava, visto que ele mal conseguia segurar uma colher, muito menos cortar carne. Não estava tão próximo de uma mulher desde que a sua mãe morrera, e não se apercebera do quanto sentira falta dessa proximidade. Fosse por ela ser uma mulher ou por pertencer ao povo da sua mãe, ou talvez por uma simpatia de espírito que ia além disso, deu por si capaz de relaxar verdadeiramente com ela. Nas longas horas entre as suas

aparções não tinha mais nada em que pensar, e parecia-lhe que a cada dia ansiava mais por a ver.

Uma manhã, Cynric e Rheis sugeriram que lhe faria bem sair para apanhar um pouco de sol e tentar caminhar. Ele coxeou penosamente até ao pátio, onde a pequena Senara o encontrou, tagarelando acerca de ela e Eilan irem aos prados apanhar flores e fazer grinaldas para o festival de Beltane no dia seguinte.

Em circunstâncias normais, a ideia de ir passear com um par de raparigas não teria atraído muito Gaius; porém, depois dos seus últimos dias na cama, teria apreciado um passeio à vacaria para ver Mairi — ou mesmo a leiteira — ordenhar as vacas. De facto, aquilo parecia mais um piquenique, porque Cynric e Dieda foram com eles. As raparigas mais jovens implicavam com Cynric como se ele fosse realmente seu irmão, e deram-lhe os seus xailes e o cesto do almoço para ele carregar.

Senara acompanhou Gaius; ele apoiou-se nela com mais força do que gostaria, e disse a si mesmo que estava a fazer a vontade à criança. Cynric parecia pairar à volta de Dieda de uma forma mais do que fraternal, falando em voz baixa. Ao vê-los, perguntou-se se estariam prometidos um ao outro; ele não sabia o suficiente sobre os costumes desta tribo para dizer, mas sabia que era melhor não os incomodar.

Dispuseram o conteúdo do cesto de piquenique na relva; havia pão acabado de cozer e rosbife frio, fatiado, e maçãs — bastante murchas e castanhas. As raparigas disseram que eram as últimas armazenadas no inverno.

— Deixem-me ir apanhar algumas bagas. — Senara levantou-se de um salto, olhando em redor, e Eilan riu-se.

— Tolinha, estamos na primavera. Pensas que o nosso hóspede é uma cabra, que podes alimentar com flores?

Gaius não se importava com o que comiam; estava exausto.

Havia um frasco de sumo de fruta espremido e outro de cerveja caseira acabada de fermentar. As raparigas mais novas não a bebiam, diziam que era demasiado amarga, mas Gaius achou-a refrescante. Havia também bolinhos doces, feitos por Dieda. Ela e Cynric partilharam um chifre para beber e deixaram Gaius na companhia das outras raparigas.

Quando já tinham todos comido o máximo que podiam, Senara encheu uma tigela com água límpida da nascente num canto do prado e perguntou a Eilan se conseguia ver ali a cara do seu amado.

— Isso é uma velha superstição — disse Eilan —, e não tenho nenhum amado.

— Eu tenho — disse Cynric, pegando na tigela e olhando para dentro desta. — Será que a água me vai mostrar o teu rosto, Dieda?

Ela veio olhar por cima do ombro dele.

— São só disparates — disse. Gaius pensou que ela ficava mais bonita quando corava.

— Olhaste para dentro da água, Eilan? — perguntou Senara, puxando-lhe a manga.

Eilan disse:

— Acho que é blasfémia compelir a Deusa a falar dessa forma! Que diria Lhiannon?

— Alguém aqui se importa? — perguntou Dieda, com um estranho sorrisinho tenso. — Todos sabemos que ela não diz nada, a não ser que lhe seja concedido pelos padres.

— O teu pai importa-se — disse Cynric solenemente.

— É verdade, importa-se — admitiu Dieda. — Por isso, suponho que também te importes.

Senara virou-se para ela.

— Diz-me o que viste na água, Dieda — pediu estridentemente.

— Viu-me a mim — disse Cynric. — Pelo menos, espero que sim.

— Então serias mesmo nosso irmão. — Senara sorriu-lhe.

— Porque achas que quero casar com ela? — Cynric sorriu. — Mas ainda temos de falar com o teu pai.

— Achas que ele se vai opor? — De repente, Dieda parecia ansiosa, e ocorreu a Gaius que ser filha do Arquidruída podia ser mais incómodo do que ser filho de um prefeito. — Decerto que, se me tivesse prometido a outra pessoa, já me teria dito!

— E com quem é que tu vais casar, Eilan? — perguntou Senara. Gaius inclinou-se para a frente, subitamente atento.

— Ainda não pensei nisso — respondeu Eilan, corando. — Por vezes parece-me que ouço a Deusa... talvez o meu dever seja entrar na Casa da Floresta como uma das donzelas do Oráculo.

— Antes tu que eu — disse Dieda. — Nunca te invejaria essa vida.

— *Ugh!* — Senara abanou a cabeça. — Gostavas mesmo de viver completamente sozinha?

— Seria um lamentável desperdício — disse Gaius. — Não há nenhum homem com quem queiras casar?

Eilan ergueu o olhar para ele e ficou silenciosa por um momento antes de falar, depois disse lentamente:

— Nenhum a quem fosse provável que os meus pais me entregassem. E a vida na Casa da Floresta pode ser bastante recompensadora. As mulheres sagradas aprendem todo o género de sabedoria e as artes curativas.

*Então, pensou Gaius, ela gostaria de ser uma sacerdotisa-curandeira.* Como dissera a Senara, achava que seria um grande desperdício de alguém que trazia tanta beleza ao mundo. Eilan era bastante diferente do que ouvira dizer das raparigas bretãs, que ele julgava serem como a filha de Clotinus. O seu pai falara algumas vezes em prometé-lo em casamento à filha de um velho amigo, um alto oficial em Londinium, mas ele nunca vira a rapariga.

Ocorria-lhe agora que lhe poderia ser mais útil casar com alguém como Eilan. Afinal, a sua própria mãe fora de uma tribo bretã. Olhou para Eilan durante tanto tempo que ela ficou desconfortável.

— Tenho alguma mancha na cara? — perguntou. — Temos de começar a fazer as grinaldas para o festival. — Levantou-se subitamente e começou a atravessar o prado, que estava liberalmente estrelado de flores azuis, púrpura e amarelas. — As campainhas não — disse para Senara. — Murcham muito depressa.

— Então mostra-me quais devo usar — pediu Senara. — Gosto daquelas orquídeas púrpura... no ano passado vi as sacerdotisas usá-las.

— Acho que os seus caules são demasiado rígidos para entrançar, mas vou tentar — disse Eilan, tirando o molho de flores das mãos de Senara. — Não, não consigo fazer isto; sem dúvida que as donzelas de Lhiannon têm alguns talentos que eu não tenho — declarou Eilan. — Vamos tentar com as primaveras.

— São tão comuns como ervas daninhas — reclamou Senara, e Eilan franziu a testa.

— Que acontece no festival? — perguntou Gaius para a distrair.

— Conduzem o gado através das fogueiras, e Lhiannon chama a Deusa para entregar os Oráculos — declarou Eilan com as mãos cheias de flores.

— E os amantes encontram-se junto das fogueiras — acrescentou Cynric, olhando para Dieda. — E os casais comprometidos tornam públicos os seus votos. Toma, Senara, experimenta estas.

— Eram as que eu estava a tentar entrelaçar — queixou-se Eilan —, mas os caules são demasiado rígidos. Dieda, estes rebentos servem?

A rapariga mais velha estava ajoelhada diante de um espinheiro totalmente florido. Ao ouvir a pergunta, virou-se e picou o dedo num espinho. Cynric veio junto dela e beijou-lhe o dedo; ela corou, perguntando rapidamente:

— Queres que te faça uma coroa, Cynric?

— Como queiras. — Então um corvo crocitou algures nas árvores e o rosto dele transfigurou-se. — Que digo eu? Não devia estar a pensar em grinaldas neste momento.

Gaius viu-a abrir a boca, como se fosse perguntar a Cynric porque não e

depois deter-se, e perguntou-se se seria por ele ser um estranho. Ela afastou os rebentos e começou a recolher os pratos em que tinham comido. Eilan e Senara tinham terminado as suas grinaldas.

— A Rheis vai ficar danada se nos esquecermos de levar algum destes pratos — comentou Dieda. — E vocês, meninas, é melhor acabarem estes bolos.

Senara tirou um dos bolos e partiu-o ao meio, entregando metade a Gaius.

— Agora que partilhámos um bolo, és o meu convidado — disse ela. — Quase meu irmão.

— Não sejas tola, Senara — disse Eilan com censura. — Gawen, não a deixes infernizar-te.

— Oh, deixa-a em paz — disse Gaius. — Ela não está a incomodar-me. — Pensou mais uma vez na sua irmã falecida, e perguntou-se como teria sido a sua vida se ela tivesse vivido. Enquanto se levantava, desequilibrou-se um pouco e Eilan veio segurá-lo pelo braço, entregando as suas grinaldas a Dieda.

— Receio que te tenhamos cansado, Gawen — disse. — Vá, encosta-te a mim. Cuidado, não batas com o braço em nada — avisou, afastando-o de uma árvore.

— Caramba, Eilan, tu já és uma sacerdotisa-curandeira — disse Cynric. — Gawen, podes apoiar-te em mim, se quiseres. Claro que a Eilan é muito mais bonita do que eu, pelo que talvez seja melhor eu ir ajudar a Dieda — acrescentou, a sua expressão iluminando-se, e pegou no braço de Dieda quando começaram a percorrer o caminho de volta. — Acho que é melhor ires diretamente para a cama em vez de ficares levantado para o jantar, Gawen. A Eilan leva-to. Trabalhei demasiado nesse braço para que estragues a minha obra.